

A Imprensa especializada na 2^ª Metade do Século XIX em Portugal

Fátima Nunes

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 797-804

A Imprensa especializada na 2- Metade do Século XIX em Portugal*

Fátima Nunes

Há já largos anos que tomámos contacto com a obra do Professor Oliveira Ramos, pela mão do Professor Silva Dias, no I Mestrado de História Cultural e Política, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. Ao longo da nossa vida académica - quer na vertente de investigação, quer na vertente de docência - sempre as sugestões e a *clareza* vertidas sobre os vários sentidos dos signos das Luzes em Portugal estiveram presentes no nosso quotidiano profissional. Muito do que conseguimos arquitectar ao longo dos anos deve-se, em parte, à ferramenta de utensilagem cultural e mental que os textos do Professor Oliveira Ramos sempre nos souberam transmitir. É neste contexto que inserimos as breves páginas de síntese de uma parte das nossas aventuras académicas destes últimos anos - as deambulações interpretativas sobre a imprensa periódica científica em Portugal: sob o signo das Luzes, sob o signo da Politécnica - imagens e realidades.

A imprensa periódica científica - uma categoria vinda das Luzes

A imprensa periódica científica em Portugal conheceu uma expansão e uma diversificação após a data emblemática de 1851, ou seja durante o período da Regeneração do País e da criação de novas instituições científicas ou de reformulação de outras já existentes. O aparecimento da revista *O Panorama* (1837), sob direcção de Alexandre Herculano trouxe os novos ventos do regresso dos exilados do outro lado dos Pirinéus, tendo criado uma gramática de imprensa cultural e científica para os leitores portugueses. A imprensa médica, cuja especialização se iniciou no final do século XVIII permitiu obter um amplo quadro de referências para a comunidade científica portuguesa efectuar um trabalho de produção de leituras científicas, em diferentes registos, procurando ir ao encontro dos vários sectores da sociedade portuguesa.

No âmbito da formação de diferentes círculos de opinião pública em Portugal, ao longo do século XIX, temos de enquadrar o aparecimento de uma apetência cultural pelos temas da científicos. Instituições, veículos e personalidades culturais da sociedade portuguesa tiveram um papel importante na transmissão, difusão e popularização de imagens, linguagens, conhecimentos e temáticas científicas. A cada instituição correspondia uma publicação, ou seja cada núcleo de sociabilidade científica organizada correspondia uma publicação que veiculava, em diferentes níveis de linguagem, o que essa comunidade científica pensava/inovava, divulgava, estabelecia contactos com a internacionalização dos saberes e a mundialização da Ciência, particularmente relevante num país de produção científica considerada periférica, como é o caso de Portugal num contexto ibérico. Havia, pois, diferentes níveis de intervenção cultural e científica que se encontravam pulverizados por uma rede de contactos e de intercâmbios. Vejamos uma breve apresentação:

* Inserido no Projecto de Investigação financiado pela FCT- Imagens da Ciência em Portugal - séculos XVII-XX.

** Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora, mfn@uevora.pt.

- **instituições científicas** Universidade de Coimbra, Escola Politécnica de Lisboa, Academia Politécnica do Porto, Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, Real Academia das Ciências de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, Sociedade de Geografia Comercial do Porto;
- **sociedades e associações** de interesse científico e material, com particular destaque para as agronómicas, as industriais, as médicas e as farmacêuticas;
- **periódicos culturais e científicos** do século XIX, comportando as diferentes tipologias e distintos níveis de especialização e de difusão de discursos científicos e técnicos, ou contemplando os saberes já compartimentados da Física e Matemática ou da Química, ou ainda das Ciências Naturais/Biologia/Geologia.

Para além destes intermediários *vs.* veículos culturais temos ainda que levar em linha de conta o papel individual desempenhado pelos **actores culturais e científicos** directa ou indirectamente ligados aos mecanismos de transmissão e difusão acima enumerados; as ligações com a sociedade e o protagonismo de figuras de respeitabilidade e de prestígio científico na intelectualidade portuguesa oitocentista.

Periódicos de Ciência e a Cultura Científica em Portugal

Entrar no mundo da cultura científica do século XIX, sobretudo da segunda metade de oitocentos, permite-nos contactar com uma outra parte da história da cultura e da história das ideias, entender o relacionamento e a interacção de diferentes espaços culturais e científicos. Para tal delimitámos como universo de observação uma nova tipologia de fontes, novos campos de trabalho e novas pistas para se argumentar e se trabalhar alguns dos traços culturais e institucionais em Portugal, ligados, e paradoxalmente também desligados, da esfera da história política em sentido restrito.

Se *Portugal e a Cultura Europeia*, de José Sebastião da Silva Dias (1953) é um clássico da leitura universitária para quem queira inteirar-se de como as redes e os contactos entre Portugal e a Europa se estabeleceram ao longo da afirmação do Estado Moderno, essa mesma pista é hoje levantada para outros contextos, com outras fontes, com outros modos de tentar entender os processos de transmissão e de mundialização da cultura científica na viragem do século XIX para o século XX.

Vejamos o problema da cultura científica organizada em função da sua circulação.

a*Transmissão

Por transmissão dos conhecimentos, dos saberes e das práticas científicas entendemos o processo que a Ciência europeia, o centro nevrálgico das inovações e das práticas científicas, de fazer chegar a Portugal, por diferentes mecanismos e canais informativos, o que aí se vai passando.

Se este pode ser considerado o registo número um, não deixa de ser relevante destacar o esforço que a comunidade científica portuguesa efectuou para transmitir o que nós formos capazes de adaptar/reproduzir e, quando possível, produzir saberes e práticas científicas. É particularmente sensível este último aspecto no que toca ao continente africano, ou melhor à sua (re) descoberta e sua exploração científica, exerceram um papel fundamental, sob o signo do nacionalismo *vs.* patriotismo, tendo a comunidade científica portuguesa existente (civil e militar) produzido vários estudos no âmbito das Ciências Naturais e Sociais - Geologia, da «Física Social», da Antropologia, da Etnografia para o espaço nacional europeu e para os espaços ultramarinos. É para nós muito claro que as idas aos Congressos temáticos, como o caso da Matemática e da Geologia, por exemplo, a apresentação de Relatórios para as Exposições Universais e as permutas dos próprios periódicos indiciam pistas fundamentais de transmissão e de estabelecimento de redes de contactos científicos pessoais que, decerto, complementavam os que já se haviam firmado pelas redes de edições científicas.

b.Difusão

Por difusão entendemos o trabalho de estratégias de diálogos implícitos e explícitos de ciência e cultura científica que foram desenvolvidos no âmbito da comunidades científica portuguesa. A sociabilidade científica e os periódicos científicos inserem-se nesta estratégia de fazer valer a comunicabilidade entre diferentes sectores de actividades científica. As instituições, as personalidades científicas e os veículos culturais desempenharam aqui um papel fundamental na difusão e

circulação dos conhecimentos, estratégias, práticas e saberes científicos.

c. Popularização da ciência

Importa dar alguma atenção às estratégias de comunicabilidade montadas pelos membros da comunidade científica face à opinião pública, ou melhor perante diferentes círculos da opinião pública. É nesta dimensão discursiva que enquadrámos os problemas do uso da legitimidade da ciência perante a sociedade e a cultura institucionalizada, as aproximações entre ciência e ideologia. Contributos diversificados para diferentes níveis de leituras científicas que o periodismo cultural e científico nos proporcionam.

Assim, colocamo-nos na pista de desvendar um «público entendimento da ciência» a partir da variedade de publicações periódicas científicas, já organizadas em função do modelo de conhecimento do Positivismo, em clara substituição do Enciclopedismo setecentista, mas herdeiro da prática de saber fazer da matriz Politécnica, ainda e sempre de inspiração de uma gramática de saberes vinda de França.

A entrada no domínio de novas Fontes para a História da Ciência/História da Cultura permitem-nos identificar, para a segunda metade do século XIX, famílias distintas de periódicos científicos, culturais e literários, todos eles englobados na necessidade de se sentirem agrupados pela cultura científica do momento. Registemos, pois, uma proposta de tipologia de jornais e revistas:

1. médicos e farmacêuticos;
2. agrícolas e agrónomicos;
3. científicos e culturais ligados a instituições científicas;
4. ciências físicas, matemáticas, astronómicas e naturais.

Será no campo desta última categoria que iremos entender os três níveis de comunicabilidade científica acima enunciadas. É então necessário entender as instituições existentes - nichos da comunidade científica portuguesa, que adapta, (re) produz o que a *big science* lhe transmite e lhe difunde através dos veículos culturais existentes.

Nas instituições é necessário ter em conta a sua história, a longevidade, os regulamentos, adaptações às conjunturas culturais e políticas, e sobretudo o seu rosto humano - ou seja as actuações personalizadas de círculos de comunidade científica. Nestas instituições enquadrámos as de sociabilidade científica e as instituições de ensino - e a segunda metade do século XIX foi pródigo em nos doar um legado diversificado de novas instituições de ensino, abrangendo ensino da Agricultura, da Indústria e do Comércio.

Ao efectuar a teia de ligação de personagens colectivas e individuais, entendendo como se estabelecem os elos de ligação entre diferentes domínios de legitimidade da linguagem, dos discursos e das imagens reais e artificiais da Ciência, de modo a ultrapassar a velha querela entre a visão *internalista* e *externalista* na (da) História da Ciência. Assim propomos alguns caminhos para efectuar uma grelha de leitura aos periódicos científicos em Portugal, no sentido de efectuar uma sondagem cultural ao País a partir dos meandros da cultura científica:

1. ciência /instituições e a comunidade científica portuguesa existente;
2. ciência e sociedade portuguesa;
3. ciência portuguesa e ciência da civilização ocidental/europeia;
4. ciência e o progressivo movimento de mundialização do saber científico e o modo como os países periféricos podem ser uma placa giratória de transmissão, difusão e de adaptação dos conhecimentos oriundos da Europa do centro, um centro cultural e científico;
5. ciência e sociedade - as polémicas científicas e a ideologia da ciência e dos cientistas.

Escolhemos um conjunto de periódicos científicos, de matriz politécnica, mas já progressivamente inseridos numa formatação de cultura positivista, alicerçada na crença sagrada do Progresso, com uma grande ligação entre ciência/técnica e sociedade. Referimo-nos aos periódicos liderados, ou sob a responsabilidade de prestigiados membros da comunidade científica portuguesa ligados à Matemática, à Física, à Química, à Ciências Naturais, às Ciências Sociais, bem ao jeito do Positivismo que por esta altura entusiasmava os debates políticos e ideológicos.

Por razões metodológicas de aproximações analíticas e temáticas, optámos por olhar diferentes

vectores da escrita da Ciência nestes periódicos. Dois temas foram escolhidos para testar as várias hipóteses levantadas e se vislumbrar para que serviam os periódicos:

- História e Memória da Ciência, em geral e da ciência portuguesa (as comemorações e as ritualizações da Ciência, a 'fabricação' dos (novos) heróis, os pontos altos, as épocas de júbilo científico)

- Leitura científica de ÁFRICA, uma temática que na segunda metade apaixonou a opinião pública de qualidade científica (pelos pretextos de descoberta e de novo mundo e de um imenso laboratório para a aplicação e experimentação dos diversificados saberes científicos que se estavam a desenvolver...), assim como para a opinião pública em geral, que acorria à Sala de Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa para escutar as novidades das expedições africanas, ou se embrenhava na leitura dos Álbuns Fotográficos produzidos pela Casa Editora de David CorazzL...

Estes dois temas foram polarizadores de atenções variadas e múltiplas na sociedade e nos processos de transmissão, difusão e popularização da Ciência. Pensamos que a temática africana tem um peso e uma acuidade de grande alcance em toda a problemática das novas tendências da história da ciência inseridas na história da cultura.

A transmissão, adaptação e reprodução de práticas e procedimentos científicos e profissionais no continente africano, com particular destaque para o espaço de Angola a Moçambique, leva-nos também aqui a procurar levantar conceptualmente o problema da Ciência nacional e da produção de uma Ciência colonial, mediante um processo de transmissão obtido a partir dos centros europeus, mas em proveito e utilidade da Metrópole.

Postos os dados na mesa, resta-nos levar por diante estas histórias de periódicos, de personalidades, de vida cultural e científica das três cidades que polarizaram a atenção política - Lisboa, Coimbra, Porto, ou seja as cidades das instituições científicas existentes em Portugal. As ligações, as longevidades, as rivalidades e as ligações à cultura científica europeia e a capacidade de reproduzir, adaptar e produzir nova ciência positiva parece que também tombaram sobre as cabeças dos seus responsáveis. Um trabalho de conjunto sobre a localização e mobilidade de uma geografia cultural dos membros da comunidade científica portuguesa permite-nos obter a modelização dos resultados obtidos a partir das fontes consultadas permitem-nos ter uma amplitude de olhar suficientemente alargada para visualizarmos um conjunto de instituições que nos projectam no seio de uma cultura científica da época. Do somatório informativo colhido da leitura das páginas dos nossos periódicos resultou a seguinte lista de instituições directamente presentes nesta rede de periódicos científicos: Academia das Ciências de Lisboa; Escola Politécnica de Lisboa; Academia Politécnica de Lisboa; Universidade de Coimbra; Sociedade de Geografia de Lisboa; Museu Nacional de História Natural; Museu Municipal do Porto.

Em síntese, o estudo de amostragem de periódicos científicos demonstra com eficácia como a comunidade científica desempenhava também funções culturais e sociológicas. Assim, há um corolário de observações que podemos indicar como sendo o resultado da análise e das leituras cruzadas dos periódicos, tendo em conta a sua função cultural, social, ideológica nas instituições e na sociedade e na cultura científica da sua época. Sistematizemos por pontos:

1. Alargar pela difusão e pela transmissão o leque de conhecimentos, escolhendo este tipo de veículo cultural como o modo ideal de transmitir e de difundir, e de mostrar que está em sintonia com a ciência conhecida e avançada europeia. Há uma procura de mostrar como através destes periódicos científicos se pode evidenciar a proximidade da comunidade científica portuguesa perante a comunidade científica internacional em geral, e uma quase familiaridade com algumas das comunidades científicas portuguesas. Recordemos os Congressos, as permutas e a exibição dessas permutas nas páginas das Revistas, tónicas dominantes da cultura científica da viragem do século XIX para o século XX.

2. Utilização do periódico como veículo de transmissão e difusão para o estrangeiro - a permuta e a troca, as resenhas recebidas e anotadas, as notícias dos congressos científicos ou a participação científica nas Comissões oficiais das Exposições Universais e Internacionais, ou temáticas como a da Electricidade.

3. A liturgia da mensagem científica. Os textos científicos dão forma de legitimidade e de amplitude - a etiqueta da sacralização do positivismo e das sociedades, associações e do Estado - da

comunidade científica, das personalidades intervenientes e que se salientam e destacam no seio de um rectângulo nacional que anseia cada vez mais a sua expansão territorial, agora justificada não pelas comemorações das descobertas ou dos descobrimentos, mas pelas expedições científicas e pela capacidade que cientistas nacionais, ou estrangeiros aos serviço do Estado português, têm de afirmar internacionalmente a sagacidade e a capacidade dos portugueses.

4. A história e memória do passado legitima esta tomada de posição de afrontar e de desafiar os novos ventos do positivismo politécnico face à opinião pública. Quando comparamos com Espanha e inserimos o caso da ciência portuguesa no contexto ibérico, entendemos o modo como Espanha se liga cientificamente à descoberta e estudo milimetricamente científico dos países da América Latina, enquanto que a comunidade científica portuguesa se concentra articuladamente, no grande laboratório para a experimentação científica do território africano.

5. Os periódicos, enquanto fontes para a história da ciência, servem também para tomar contacto com a linguagem, com uma nova retórica da ciência e de comunicar as características do século XIX, ainda que se continue a utilizar signos linguísticos do iluminismo - por exemplo a transmutação do sertão brasileiro para o sertão africano e a figura do sertanejo - e da época do utilitarismo da ilustração. Afinal um mote que continua a ser pragmaticamente indispensável ao Estado, mas sobretudo a uma opinião pública mais alargada, mais alfabetizada e mais agitada, também por outros mecanismos de difusão de cultura científica, nomeadamente os níveis de popularização, que não entram directamente neste conjunto de reflexões.

6. Por último, não é possível ultrapassar o facto de os periódicos serem excelentes modos operatórios para estabelecer redes de conexão (a maior parte das vezes invisíveis e ocultas...) com as instituições científicas existentes e o protagonismo, nacional e internacional, de algumas das personalidades de destaque da comunidade científica portuguesa, nos seus jogos de poder (científico e político), jogos de representação, como a de um pintar mirando-se ao espelho e pintando a própria em cena que está inserido -, agora presente na imagem fotográfica da galeria colectiva de heróis da Ciência!

A concluir....

Os percursos seguidos em torno das potencialidades dos periódicos de cultura científica em Portugal, ao longo do século XIX, fizeram-nos pensar igualmente nas imagens que a Ciência - enquanto valor, enquanto prática cultural, enquanto elemento vivencial da sociedade contemporânea - foi tendo na realidade portuguesa. Daí que após desafios lançados por esta tipologia de Fonte para a História da Ciência, nos tenhamos deixado seduzir pelas imagens construídas pela Ciência para/na sociedade portuguesa dos séculos XIX e XX, sobretudo numa fase em que os meios de comunicação se complexificaram e se tornaram mais acutilantes - à imprensa escrita juntou-se a imagem fotográfica, para logo se somar a mensagem radiofónica e depois a imagem transmitida pelo documentário do cinema, prenúncio do que a televisão haveria de efectuar. Mas estes são outros percursos que escapam, por agora, a este signo do século XIX decorrentes dos nossos últimos anos de investigação.

Bibliografia de Referência:

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (1986), *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal - Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Ed. Academia das Ciências de Lisboa.
- BENSAUDE-VINCEN, Bernardette, RASNUSSEN, Arme (1997), *La science populaire dans la presse et l'édition XIX et XX siècles*, Paris, CNRS histoire.
- CARVALHO, Rómulo de (1996), *História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (2- edição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARVALHO, Rómulo de (1997), *Colectânea de Estudos Históricos - 1953-1994. Cultura e actividades científicas em Portugal*, Évora, Universidade de Évora.
- CITSUL (1996), *O Laboratório de Química Mineral da Escola Politécnica de Lisboa (1884-1894)*, Lisboa. Ed. Livraria Escolar.
- CITSUL (1998), *Divórcio entre cabeça e mãos? Laboratórios de Química em Portugal (1772-1995)*, Lisboa. Ed. Livraria Escolar.
- COOTER, Roger, PUMFREY, Stephen (1994), *Separate spheres and public places: reflections on the history of science popularization and science in popular culture*, in "History of Science", vol. 32, n^o 97, pp. 237-267.
- IMÁGENES DE IA CIÊNCIA EN LA ESPANA CONTEMPORÁNEA, (1998), Madrid, Fundación Arte y Tecnología.
- MATOS, Sérgio Campos (1998), *Historiografia e memória nacional 1846-1898*; Lisboa, Colibri Ed..
- MOURÃO, J. A., MATOS, Ana M^a C, GUEDES, M^a Esteia (1999), *O Mundo Ibero-Americano nas Grandes Exposições*, Lisboa, Ed. Veja.
- NUNES, Fátima (1988), *O Liberalismo português: ideários e ciências. O universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)*, Lisboa, INIC.
- NUNES, Fátima (2001), *A Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «ciência agrícola» em Portugal*, Lisboa, Ed. Estar.
- SÁNCHEZ RON, José Manuel (1997), *Miguel Catalán su obra y su mundo*, Madrid, CSIC.
- SENA, António (1998), *História da Imagem Fotográfica em Portugal -1839-1997*, Porto, Ed. Porto Editora.
- SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, M^a Paula (1999), *Constructing knowledge: eighteenth-century Portugal and the new sciences*, in GAVROGU, K. (edt), "The Sciences in the European Periphery during the Enlightenment", pp. 1-40, Kluwer Academic Publishers.
- TENGARRINHA, José (1997), *La historiografía portuguesa en los últimos veinte años*, in "Ayer - la historia en el 96", ed. Celso Almuina, Madrid, Ed. Marcial Pons.
- TORGAL, I. Reis /MENDES, J. Amado / CATROGA, Fernando (1996), *História da História em Portugal, sécs. XIX-XX*, Lisboa, Ed. Círculo de Leitores.

Évora/Lisboa, Maio 2002.